

Preocupações políticas no Sul

por Milton Wells
de Porto Alegre

Os empresários gaúchos vêem com ceticismo e preocupação o atual quadro político, econômico e social do País, embora mantendo a esperança de dias melhores, diante dos sinais de retomada do crescimento industrial, ao final deste primeiro semestre de 1984. "Um fato animador", classificou o presidente da Associação Brasileira de Empresas Comerciais Exportadoras (ABECE), Carlos Sehbe, ao crescimento do nível de atividades em segmentos industriais favorecidos pelas exportações. A dificuldade maior,

em sua opinião, continua sendo a inflação que está a exigir "medidas de choque" por parte do governo. "Se a inflação não ceder não haverá novos investimentos no segundo semestre e a própria credibilidade do País fica abalada", disse.

"A indústria gaúcha continua estagnada pela recessão", opinou o presidente da Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Sul (FIERGS), Luiz Octavio Vieira. Nos primeiros seis meses de 1984, segundo ele, a indústria gaúcha sofreu uma queda nas vendas de 6,12% sobre igual período do ano passado. Ao mesmo tempo o quadro de pessoal registrou uma queda de 3,03%. "Não há razão efetiva, portanto, para nenhuma comemoração", disse Vieira.

Para o presidente da FIERGS, o País não pode-

ria ter chegado aonde chegou em termos políticos, sociais e econômicos: "Ou saímos para a democracia de direito e de fato ou voltamos para uma ditadura, o que seria o caos e o ponto crítico da sociedade brasileira". Luiz Roberto de Andrade Ponte, presidente do Sindicato da Indústria da Construção Civil, afirma, por sua vez, que "o semestre foi ruim, houve escassez de recursos e o desemprego no setor chegou a até 60% em comparação com igual período do ano passado". "É preciso, mais do que nunca, uma definição do quadro político institucional. As oposições e o governo, principalmente, têm de chegar a um acordo para que seja restabelecida a democracia. Sem isto a inflação não cede, o poder aquisitivo da população não cresce, as dificuldades continuarão."

Geraldo Hess, vice-presidente da Companhia Iochpe de Participações, acha que o primeiro semestre não apresentou qualquer melhora em relação a igual período do ano passado. E não há indícios que mude alguma coisa no segundo semestre", acrescentou.

Alecio Ughini, vice-presidente da Associação Comercial de Porto Alegre, registra uma queda de 20 a 25% nas vendas em comparação com o mesmo período de 1983. "Há uma capacidade ociosa grande no setor e não há nenhuma perspectiva melhor para o segundo semestre." Willy Fink, diretor-presidente do grupo Kepler Weber, prefere mencionar o desempenho do setor agroindustrial gaúcho. "Este ano tem sido melhor do que a média e superior a muitos outros anos. A produção da indústria continua intensa e tudo indica que estamos diante de um novo ciclo de produção."